

Os memes e a deselitização do acesso à literatura: Uma análise da página @funkeiroscults.

Mememes and the deselitization of access to literature: An analysis of the page @funkeiroscults.

Daniela Fátima Dal Pozzo¹
Gabriela Valer Picancio²
Márcio Miranda Alves³

RESUMO: Este artigo busca investigar a relação entre Instagram e literatura, de modo a analisar como a prosa e a poesia são “memeficadas” nessa rede social, especificamente na página @funkeiroscults, e verificar como as comunidades periféricas brasileiras contribuem para combater a crença de que a literatura seria destinada apenas a camadas sociais de maior poder aquisitivo.

ABSTRACT: This article seeks to investigate the relationship between Instagram and literature, in order to analyze how prose and poetry are "memefied" in this social network, specifically published on the @funkeiroscult page, and to verify how peripheral Brazilian communities contribute to combat the belief that literature is only intended for the elite.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias Sociais. Memes. Literatura. Democratização. @funkeiroscult.

KEYWORDS: Social media. Memes. Literature. Democratization. @funkeiroscult.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) com doutorado sanduíche em Roma Tre (Roma, Itália); mestra em Letras e Cultura (bolsista PROSUC/CAPEs) e graduada em Letras Português (UCS).

² Mestre em Letras e Cultura pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Especialista em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem e à Linguagem (UCS). Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), com extensão pela Universidad Autónoma de Madrid, Espanha. Realiza pesquisas na área de Teoria da Arte - sistema, mercado, globalização e suas relações com grupos sociais - e em neuroestética - arte, empatia e cognição.

³ Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Editor da revista Antares: Letras e Humanidades.



1. A elitização da literatura

O acesso à literatura ficcional sempre foi influenciado pelas condições sociais. O romance, por exemplo, somente passou a ser popular com o advento do folhetim no final da primeira metade do século XIX, graças ao barateamento do jornal impresso e ao sucesso da receita “continua amanhã” (MEYER, 1996). Ao longo do tempo, apesar de haver iniciativas de incentivo à leitura, o livro continuou sendo um objeto destinado às elites, uma vez que a sua distribuição dependia dos interesses do mercado editorial e da existência de bibliotecas públicas, entre outros fatores. Nesse sentido, chega-se ao século XXI com a sensação de que a literatura continua sendo uma arte para poucos, restrita aos grupos dos acadêmicos, dos críticos, dos pesquisadores e dos jornalistas.

Essa elitização também vale para outras artes, como a ópera e o teatro, os quais, durante muito tempo, só eram frequentados por burgueses – e talvez ainda hoje o sejam, pois, em uma sociedade altamente estratificada, são poucas as pessoas que têm acesso a esses espaços. O problema, que nasce das condições sociais desiguais, se estende à percepção de que as artes não são para todos, ou seja, não são para as pessoas da periferia, as quais não teriam capacidade de interpretação dos significados das representações.

Isso explica por que sempre houve uma divisão quanto às produções culturais, colocando de um lado o que era destinado à elite – chamado de arte – e, de outro, o que era para o povo – denominado entretenimento, artesanato, folclore, entre outros. Quanto a essa divisão, a “marca da sociedade é a existência da divisão social, isto é, da divisão de classes” (CHAUÍ, 2008, p. 58). Se há divisão de classes, há, então, elitização, na qual, certas práticas e produções são consideradas

“legítimas”, tornando-se modelos a partir dos quais serão julgados e analisados os outros. Dessa forma, práticas e produções que não correspondem aos critérios tidos como definidores da legitimidade são alocados em outros espaços discursivos e de valor. A eles são delegados títulos que devem lembrar, frequentemente, suas limitações e raízes, ou seja, a quais grupos pertencem e em quais espaços devem circular.

Esse processo não é exclusivo das artes, mas incide, inclusive, sobre a linguagem. Porém, o aperfeiçoamento e o avanço das tecnologias digitais facilitaram, pelo menos para alguns, o acesso aos livros, uma vez que se tornou possível baixá-los em um equipamento eletrônico para a leitura. Embora isso não tenha resolvido plenamente a questão do acesso ao “produto” livro, certamente provocou mudanças na percepção de que nem todos podem interpretar a literatura. As redes sociais, por exemplo, tão representativas da atual configuração global que visa à conectividade, têm possibilitado que os usuários ultrapassem as “fronteiras” dos seus grupos sociais e convivam em um espaço virtual com usuários pertencentes a realidades sociais, econômicas e culturais distintas das suas. Diferentemente dos espaços geográficos que “guetificam” as cidades – dividindo-as em centros e periferias e vinculando permissividade de acesso à classe, raça e, em certos casos, gênero –, as redes sociais, embora trabalhem com a relação entre público e privado, permitem que a circulação de discursos atinja distâncias e espaços impensáveis até então. A foto de um jantar realizado em um apartamento na zona sul do Rio de Janeiro pode chegar à periferia de Manaus, enquanto um comentário sobre um evento na Rocinha pode ser lido por alguém no Pampa do extremo sul do Rio Grande do Sul.

Esse exemplo demonstra como a internet, especialmente as redes sociais, possibilitam que sejam conhecidas realidades distintas daquelas em que os



usuários circulam e, ainda, que as produções, práticas e hábitos de outros grupos sejam apresentadas a partir da percepção dos próprios integrantes em seus discursos e representações. O que antes circulava somente nos meios tradicionais de comunicação – revistas, jornais – hoje pode ser divulgado, exposto e comentado de uma maneira mais ampla.

A alta circulação de discursos e o “enfraquecimento” das fronteiras virtuais possibilitaram que pessoas da periferia mostrassem que o fato de serem da periferia ou gostarem de funk, por exemplo, não invalida que elas gostem de literatura ou de outras artes. Dentre os meios utilizados para difundir discursos e vincular usuários das redes estão os memes, os quais se fazem muito presentes na cultura de mídia na contemporaneidade.

Nesse sentido, são dois os desenvolvimentos que influenciaram a cultura de mídia a partir do século XX: primeiro o surgimento das mídias digitais, tais como websites, videogames, mídias sociais, entre outros, os quais expandiram o desenvolvimento e uso de redes sociais; e o segundo é que cultura deixou de ser chamada Cultura com ‘C’ maiúsculo, ou seja, os conceitos de arte e cultura hoje são compreendidos como conceitos com definições mutáveis e plurais, assim como as sociedades às quais estão vinculados (BOLTER, 2019, p. 1).

Sobre essa oposição:

Não podemos mais afirmar com segurança que uma forma de arte é melhor do que outra: que a música clássica é melhor que o rap, que o romance é uma forma de expressão melhor do que a história em quadrinhos, ou que o filme é um meio mais profundo do que os

videogames. Ou melhor, se afirmamos tais coisas, podemos esperar ser questionados ou simplesmente ignorados (BOLTER, 2019, p. 1)⁴.

Apesar disso, as mídias digitais não causaram a decadência das culturas das elites, mas proporcionaram um ambiente ideal para as mídias denominadas *achatadas* ou *irregulares* (BOLTER, 2019, p. 1). Isto é, até então havia a exclusão dos grupos ditos minoritários dos espaços de discurso, entretanto, com as redes sociais, eles encontraram plataformas que permitem e até incentivam a autoexposição a partir da produção imagética e discursiva, podendo, por exemplo, romper com a crença de que grupos periféricos não consomem produções consideradas exclusivas das elites, como a literatura e as artes em geral – como veremos na próxima seção.

A partir de 1970, os limites da arte e da literatura expandem-se, e o que antes era apenas visto como entretenimento – como filmes, literatura de ficção científica, gênero musical rock – para as massas, agora passa a ter apreciação cultural pela elite. Com isso, as “culturas de elite da arte tradicional, literatura e música clássica estavam sendo desafiadas ou, mais frequentemente, simplesmente ignoradas pelas crescentes formas populares” (BOLTER, 2019, p. 11)⁵.

Essas mudanças tornaram-se mais evidentes no século XXI, momento em que diversos setores do campo cultural exigem uma constante leitura e avaliação sobre a recepção das produções por parte dos consumidores. Artistas são valorizados, ou desvalorizados, artística e monetariamente conforme seu poder de

⁴ Do original: “We know that the words ‘art’ and ‘culture’ do not have the significance that they had a few decades ago. We can no longer assert with confidence that one form of art is better than another: that classical music is better than rap, that the novel is a better form of expression than the graphic novel, or that film is a more profound medium than video games. Or rather, if we assert such things, we can expect to be argued with or simply ignored” (BOLTER, 2019, p. 1).

⁵ Do original: “The elite cultures of traditional art, literature, and classical music were being challenged or more often simply ignored by rising popular forms” (BOLTER, 2019, p. 11).



alcance. Vive-se o tempo em que músicos são contratados por grandes gravadoras após se tornarem fenômeno viral na internet, o que também acontece com artistas visuais, escritores, documentaristas que utilizam o espaço sem-fronteiras da internet para impulsionar suas produções.

Em relação a esse impacto das tecnologias nas formas de circulação e apreciação do bem artístico, tem-se que:

O que morreu foi uma crença compartilhada na centralidade da arte e da literatura e seu poder de redimir a cultura, uma convicção tanto do romantismo quanto do modernismo. Mesmo hoje, muitos, talvez a maioria, na comunidade artística presumem que estão fazendo o mesmo trabalho cultural importante que seus predecessores (pensavam que) faziam. Mas na plenitude digital, há um grupo muito maior (ordens de magnitude maiores) de comunidades trazendo produtos e performances que não dependem das tradições estabelecidas de arte visual, literatura ou música. Essas vastas comunidades podem fazer reivindicações implícitas ou explícitas sobre o status da arte, ou podem não fazer nenhuma reivindicação (BOLTER, 2019, p. 12, tradução nossa)⁶.

Ou seja, o mundo digital tem possibilitado uma reavaliação das produções no mundo da arte. Ainda, é preciso considerar que há autores que consideram filmes, televisão e videogames como arte, enquanto outros não, uma vez que são

⁶ Do original: "What died was a shared belief in the centrality of art and literature and their power to redeem culture, a conviction of both romanticism and modernism. Even today, many, perhaps most, in the art community assume that they are doing the same important cultural work that their predecessors (thought they) did. But in the digital plenitude, there is a much larger (orders of magnitude larger) group of communities bringing forth products and performances that do not depend on the established traditions of visual art, literature, or music. These vast communities may make implicit or explicit claims to the status of art, or they may not make any claims at all" (BOLTER, 2019, p. 12).

produzidos para a nova cultura popular, o que marca o estigma social⁷ (BOLTER, 2019, p. 15).

As tecnologias, principalmente as redes sociais, têm grande importância para a quebra de paradigmas, pois: “A mídia digital hoje oferece aos participantes de milhares de comunidades de mídia a oportunidade de se intitularem artistas, se assim desejarem” (BOLTER, 2019, p. 15, tradução nossa)⁸. Na atualidade, principalmente em mídias sociais como Facebook, Instagram e Twitter, usuários fazem uso de ferramentas para estabelecer contato, criarem vínculos e produzirem conteúdos a respeito de pautas específicas. Uma das primeiras redes sociais a incentivar esse tipo de relação virtual foi o Orkut, hoje extinto. Nele, as chamadas “comunidades” funcionavam como espaços virtuais criados para unir os usuários a partir de interesses ou percepções semelhantes: “eu odeio segunda-feira”, “fãs de Beatles”, “eu tenho um gato”, etc.

Nesse contexto, o fenômeno dos chamados *memes* – materialidades digitais que podem ser verbais, imagéticas ou verbo-imagéticas, ou seja, que fazem uso de textos, imagens, *gifs* e vídeos relacionados a humor – têm se propagado cada vez mais, pois fazem uso de uma linguagem de fácil acesso, muitas vezes satírica, que cai no gosto de usuários dessas redes (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2019). Assim como as comunidades do Orkut, os *memes* permitem que usuários se conectem a partir da identificação que se estabelece entre as suas realidades e os discursos verbo-imagéticos. Essa identificação, atrelada à linguagem acessível e breve

⁷ Embora o destino da produção seja um dos fatores que podem influenciar na avaliação do que é e do que não é arte, deve-se ter em conta que existe uma série de outros fatores que são elencados como critérios para a definição. A divergência entre autores não diz respeito somente à finalidade da produção e à linguagem utilizada, mas a um conjunto maior de fatores.

⁸ “Digital media today give participants in thousands of media communities the opportunity to call themselves artists, if they choose” (BOLTER, 2019, p. 15).



utilizada nos *memes*, faz com que eles se tornem um meio com enorme potencial de difusão de discursos em diversos grupos sociais.

A criação de *memes* que problematizam, questionam, explicitam, explicam e discutem as estruturas de sistemas, como o do literário, tem sido uma das formas encontradas para incentivar debates e questionar representações sociais de forma mais ampla e difundida. É nessa direção que foi criada a página @funkeiroscults, utilizada pelos seus colaboradores para incentivar a “deselitização” da literatura e da arte em geral, isto é, para mostrar que grupos periféricos podem gostar de funk e de literatura sem que esses sejam gostos excludentes entre si. Porém, antes de falar sobre isso, é preciso dissertar sobre o *meme*, sua importância e características.

2. Memes e identificação cultural

Na internet, é comum muitos conteúdos se propagarem rapidamente. No entanto, a qualidade do que é produzido nem sempre assegura um público maior, bem como o fato de um canal ser muito acessado não significa, necessariamente, que a qualidade dos produtos sejam absolutas etc., o que requer atenção do que se consome. Isso faz com que uma das características mais notáveis da internet seja a frequente desvinculação entre o material circulante e a fonte da qual se originou. É, por exemplo, o caso do meme, o qual, inicialmente era um termo usado “para descrever pequenas unidades de cultura que se espalham de pessoa para pessoa por meio de cópia ou imitação”, definido e intitulado assim pelo

biólogo Richard Dawkins⁹, em 1976 (SHIFMAN, 2014, p. 2, tradução nossa)¹⁰. Recentemente, esse conceito ganhou uma outra definição, o qual é voltado às mídias digitais, sendo usado para descrever a propagação de materialidades digitais constituídas por textos e/ou imagens, em tom satírico e /ou humorístico, via internet. Cabe dizer que alguns autores diferenciam as ‘mídias virais’ – como *hashtags*, textos, etc., os quais se espalham massivamente devido às diferenças de produção e de disseminação – dos *memes*, que podem envolver *remix*, imitação. Estes diferenciam-se das mídias virais qualitativamente (SHIFMAN, 2014, p. 5; WIGGINS, 2019, p. 4).

Uma das características dos *memes* é a intertextualidade, uma vez que “costumam se relacionar de maneiras complexas, criativas e surpreendentes” uns com os outros (SHIFMAN, 2014, p. 2)¹¹. Por serem de agrado dos usuários de internet, principalmente dos que usam mídias sociais como Facebook, Twitter e Instagram, propaga-se rapidamente, de pessoa a pessoa, o que, de modo positivo, possibilita uma interação facilitada, dado que não é complexo criá-lo e compartilhá-lo.

Por muito tempo, os *memes* foram ignorados por estudiosos, como os da área da Comunicação e outras. No entanto, em uma era de convergência de plataformas digitais, eles estão se tornando objetos de pesquisa devido à rápida propagação e aos conteúdos que são compartilhados. A título de exemplo, empresas que utilizam redes sociais divulgam seus trabalhos utilizando *memes*,

⁹ No sentido utilizado por Dawkins, o conceito de meme está vinculado à genética e à ideia de replicação. Para o autor, os genes se perpetuam por meio de seus replicadores: as pessoas. Para maior aprofundamento, sugerimos a leitura de. O Gene Egoísta, de Richard Dawkins (2011).

¹⁰ Do original: “to describe small units of culture that spread from person to person by copying or imitation” (SHIFMAN, 2014, p. 2)

¹¹ Do original: “memes often relate to each other in complex, creative, and surprising ways” (SHIFMAN, 2014, p. 2).



uma vez que eles rapidamente “conquistam” as pessoas ou, pelo menos, chamam a atenção delas, passando a ser compartilhados e, assim, tornam-se um fenômeno social: o que é compartilhado, em poucas horas, atinge uma quantidade considerável de público (SHIFMAN, 2014, p. 6).

Mas o que os torna tão relevantes para a sociedade atual? Tem-se que:

Embora se espalhem em uma base micro, seu impacto é no nível macro: os memes moldam as mentalidades, formas de comportamento e ações dos grupos sociais. Este atributo é altamente compatível com a forma como a cultura é formada na era da Web 2.0, que é marcada por plataformas de criação e troca de conteúdo gerado pelo usuário (SHIFMAN, 2014, p. 18, tradução nossa)¹².

Ainda, podemos questionar o que leva alguém a criar *memes*. Há explicações econômicas, sociais e culturais, entre outras, para isso. Sob uma perspectiva econômica, os internautas costumavam, até então, prestar atenção na informação, todavia, na era da informação, isso não é realmente o que vale, mas a atenção que as pessoas dão aos conteúdos que constam na internet segundo (SHIFMAN, 2014, p. 33). Quanto ao aspecto social, podemos dizer que:

Em nossa era de individualização acelerada, espera-se que as pessoas formem uma identidade e imagem únicas e, ao fazer isso, construam ativamente seu "eu". Ao mesmo tempo, os indivíduos participam com entusiasmo da formação de redes sociais, demonstrando um anseio humano duradouro por comunalidade. Versões geradas pelo usuário de um meme da Internet podem servir

¹² Do original: “Although they spread on a micro basis, their impact is on the macro level: memes shape the mindsets, forms of behavior, and actions of social groups. This attribute is highly compatible to the way culture is formed in the Web 2.0 era, which is marked by platforms for creating and exchanging user-generated content” (SHIFMAN, 2014, p. 18).

como uma maneira de ter tudo: por um lado, os usuários que fazem upload de um vídeo feito por conta própria ou de uma imagem feita no Photoshop significam que são alfabetizados digitalmente, únicos e criativos; por outro lado, o texto que eles carregam geralmente está relacionado a um vídeo, imagem ou fórmula memética comum e amplamente compartilhada (SHIFMAN, 2014, p. 33, tradução nossa)¹³.

Isto é, a criação de memes pode servir ao usuário como um afirmador de sua individualidade, explicitando suas habilidades tecnológicas, sua integração e seu diálogo com as ferramentas requeridas na produção deste tipo de conteúdo. Por outro lado, o discurso que está sendo divulgado pelo meme – que nasce, na maioria das vezes, de percepções e reflexões de recortes da realidade do usuário – só se tornará viral e amplamente difundido se gerar em outros usuários das plataformas o mesmo senso de identificação, seja com as suas realidades particulares, seja com realidades próximas e conhecidas. É justamente por causa dessa identificação “em massa” que os memes se tornam materialidades de rápida circulação.

Quanto ao terceiro, o *meme*, “baseia-se na lógica cultural e estética da participação” (SHIFMAN, 2014, p. 34, tradução nossa)¹⁴, tendo um alcance muito amplo e rápido. Se uma de suas características é a capacidade de gerar autoidentificação para diversas pessoas, isso se deve ao caráter do conteúdo que o forma. A cultura exerce, nesse quesito, um papel de extrema importância, pois é a partir de hábitos, crenças, paradigmas, produtos e fazeres compartilhados e

¹³ Do original: “In our era of accelerated individualization, people are expected to fashion a unique identity and image and by doing so actively construct their ‘selves.’ At the same time, individuals participate enthusiastically in the shaping of social networks, demonstrating an enduring human longing for communality. User-generated versions of an Internet meme may serve as a way to have it all: on the one hand, users who upload a self-made video or a Photoshopped image signify that they are digitally literate, unique, and creative; on the other hand, the text that they upload often relates to a common, widely shared memetic video, image, or formula” (SHIFMAN, 2014, p. 33).

¹⁴ Do original: “is based on the cultural and aesthetic logics of participation” (SHIFMAN, 2014, p. 34).



reconhecíveis dentro daquele grupo de pessoas que o meme será criado e compartilhado. Em outras palavras, é necessário que um grupo de pessoas o compreenda e se reconheça no discurso vinculado a ele para que ele se constitua como tal.

3. Memes e literatura

Como vimos, a elitização das artes tem sido um processo historicamente presente. A internet, principalmente as redes sociais, tem possibilitado aos indivíduos manifestarem-se nas redes, mostrando que não é apenas a “elite” que consome e gosta de arte e, especialmente, que o acesso a ela deve ser encarado como um direito dos diferentes grupos sociais. Um dos meios utilizados para a problematização e combate dessa representação social reducionista são os *memes*, os quais, como vimos, são produções criativas e humorísticas que, em pouco tempo, ganham um amplo alcance. A fim de mostrar a relação entre literatura e redes sociais, especificamente como ocorre o questionamento sobre a representação estereotipada de que literatura é para a elite e que grupos periféricos não a consomem, analisamos alguns *memes* da página @funkeirosculpts, que nascem, justamente, da busca pela quebra dessa representação.

A página atualmente tem 237 mil seguidores¹⁵, mostrando grande alcance social, e ela trabalha, justamente, para problematizar o pensamento de que arte é produto exclusivo da elite: eles mostram, a partir da criação de memes, que o grupo social ao qual pertencem também é apreciador de literatura. Para eles, os

¹⁵ Número de seguidores registrado na data de submissão deste artigo.

estereótipos relacionados aos gêneros musicais, às vestimentas e à linguagem conduzem à ideia equivocada de que a literatura não combina com esse público.

No perfil do Instagram, os Funkeiros Cults anunciam: “O juliet não impede de nós ver novos horizontes”. Juliet é um modelo de óculos da marca Oakley que se tornou um símbolo da estética funk (AMAURI, 2019, não paginado), tanto é que, como veremos, em uma parte considerável dos memes as pessoas aparecem usando um Juliet.

Em entrevista ao Kondzilla (FERREIRA, 2020, não paginado), os funkeiros contam as situações preconceituosas pelas quais passaram; um deles diz: “O pessoal geralmente subestima minha inteligência pela minha forma de se vestir. Eles me explicam coisas óbvias”. Nesse mesmo artigo, o criador da página @funkeiroscult diz: “Trabalhei numa Instituição de ensino que as pessoas estranhavam meu gosto, meio que ‘qual é a desse chavoso funkeiro sabendo essas paradas’” (FERREIRA, 2020, não paginado).

Os *memes* podem estar em alta nas redes sociais, mas eles vão muito além: os discursos que neles constam marcam a identidade e a subjetividade do usuário ou do grupo que o cria, além de serem usados, muitas vezes, politicamente, isto é, para criticar práticas e representações da sociedade, não apenas para diverti-la. Quanto a isso:

O discurso talvez seja mais bem visto como sinônimo de ideologia. Um sistema de conhecimento e comportamento que dirige a comunicação também a inibe, restringe o que é possível e delinea o que é marginal [...] o discurso dos memes é mais bem compreendido, especificamente, como o poder discursivo da cultura digital, o qual defino explicitamente como constituinte da ideologia,



da semiótica e da intertextualidade (WIGGINS, 2019, p. 24, tradução nossa)¹⁶.

Memes têm um papel importante na cultura digital, não são isentos. Expressam uma perspectiva política, social, econômica, cultural, ou seja, eles são carregados de ideologia e as suas produções significam, já que são usados para comunicar algo, especialmente fazendo uso de humor (WIGGINS, 2019, p. 102, XV).

No caso da página @funkeiroscults, eles mostram que é possível gostar de funk e de literatura ao mesmo tempo, sem que essas identidades se anulem entre si. Para esse fim, eles postam *memes* com frases que resumem as obras literárias, a partir do uso de uma linguagem mais coloquial e do emprego de vocabulário comum à periferia. A escolha dos *memes* como veículo de difusão dos discursos se torna ideal por possuir características – como o teor satírico e a linguagem informal – que possibilitam uma aproximação entre os membros do grupo e as obras literárias que são mencionadas. Há, pode-se dizer, a chance de que o interesse pela literatura seja despertado graças à identificação das pessoas com a linguagem utilizada, as vestimentas e as expressões representadas nos *memes* postados pela página. Eles citam obras literárias de autores nacionais e internacionais, como Machado de Assis, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Angela Davis, José Saramago, Ray Bradbury, Friedrich Engels, Fiódor Dostoievski, entre outros.

¹⁶ “Discourse is perhaps best viewed as a synonym for ideology. A system of knowledge and behaviors which directs communication also inhibits it, constrains what is possible and delineates what is marginal [...] the discourse of memes is best understood, specifically, as the discursive power of digital culture which I explicitly define conceptually as constituting ideology, semiotics, and intertextuality. Thus, these words are not randomly selected. Their purpose is to highlight the role of internet memes in digital culture in terms of discourse, as has been discussed above” (WIGGINS, 2019, p. 24).

Um deles faz referência à *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. Nessa obra, os bombeiros têm a função de queimar livros, dado que conhecimento e livros são os “inimigos” da sociedade; conhecimento é poder, e uma população instruída, autônoma e empoderada é um problema para a perpetuação dos poderes hegemônicos. De forma bem sucinta, consta no *meme* “tanta coisa pro sistema tacar fogo e taca logo nos livro, pros cria ficar sem conhecimento. O sistema é foda parcerô”. Há, de forma explícita, uma crítica à falta de democratização do conhecimento por meio do livro e, de forma implícita, uma crítica ao que, simbolicamente, significa a queima de livros nos regimes totalitaristas.

Figura 1 – Fahrenheit 451



Fonte: @funkeiroscult (2020).

Já na segunda figura, o meme é sobre um dos maiores clássicos de Machado de Assis, a obra *Dom Casmurro*. Nessa obra, uma das questões mais levantadas pelos leitores é se Capitu traiu ou não Bentinho. Um dos principais clássicos da literatura brasileira, *Dom Casmurro* alcançou uma popularidade rara para obras ficcionais da literatura brasileira. Mesmo quem não leu o romance pode saber do que se trata o drama de Capitu e Bentinho. A fim de “memificar” a tensão desse romance, os leitores funkqueiros citam um trecho da canção “Um pente é pente”,



de Os Hawaianos. Nesse caso, fica clara a associação entre o clássico da literatura e a música popular.

Figura 2 – Dom Casmurro



Fonte: @funkeiroscult (2020).

A Figura 3 faz uma relação com a obra *A metamorfose*, de Franz Kafka. Uma das histórias mais conhecidas do século XX, *A metamorfose*, publicada em 1915, narra o drama de Gregor Samsa, que em certo dia acorda transformado em um inseto. Tratado com desprezo pela família e pelo patrão, Samsa sente-se culpado por faltar ao trabalho e por não poder obedecer e manter a rotina de sustento da família. Muitas vezes interpretada como literatura fantástica, *A metamorfose* explora temas caros à sociedade da época, como a redução do sujeito a uma simples peça do sistema produtivo, bem como a opressão da família – o que, segundo a crítica, reflete os próprios problemas de relacionamento de Kafka com o seu pai.

No *meme*, a frase “caralho o menor virou inseto (sic)” revela uma leitura pertinente da novela por parte dos funkeiros. Isso porque “o menor”, na gíria deste grupo, significa funcionário, aquele que estaria abaixo do patrão. Ao associarem

Gregor Samsa ao “menor”, o trabalhador, eles indicam a perspectiva com a qual a obra deve ser lida.

Figura 3 – Metamorfose

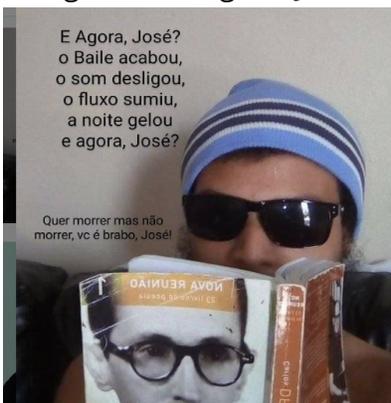


Fonte: @funkeiroscult (2020).

Já na Figura 4 há uma referência ao poema “E agora, José?”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1942 na coletânea Poesias. Por meio do recurso da paródia, o poema de Drummond é reconstruído sob o viés da realidade da periferia, fazendo uso da linguagem popular dessa comunidade. Os versos iniciais do poema – “E agora, José? / A festa acabou, / a luz apagou, / o povo sumiu, / a noite esfriou, / e agora, José?” – são adaptados para “E agora, José? / o baile acabou, / o som desligou, / o fluxo sumiu, / a noite gelou / e agora, José?”. Logo abaixo dos primeiros versos, com letras menores, mas com o objetivo de chamar a atenção do leitor, o *meme* traz ainda “Quer morrer mas não morrer, vc é brabo, José!”, paródia do trecho “[...] se você morresse... / Mas você não morre, / você é duro, José!”. Nesse contexto, o José de Drummond, aquele que “faz versos, que ama, protesta”, torna-se o José dos funkeiros, aquele que frequenta o baile e luta para sobreviver na periferia.



Figura 4 – E agora, José?



Fonte: @funkeiroscult (2020).

O uso de uma linguagem que não segue as normas padrões, muitas vezes, é vista com preconceito, demonstrando a existência de uma relação de poder. Desse modo: “Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo para definir quem é incluído e quem é excluído” (WOODWARD, 2005, p. 18). Esses memes nos mostram a união do tema central das obras literárias e da cultura funk, mostrando que “a quebrada”, como eles se autodenominam, é constituída por pessoas com identidades plurais e híbridas, nas quais funk e literatura são gostos que coexistem e não que se excluem. Eles fazem uso de vocabulários próprios da comunidade, com uma linguagem mais informal, sem que haja a necessidade do emprego elitizado/normatizado da língua. Dessa forma, sem abdicar da ironia, conseguem “indicar” a leitura de uma obra literária utilizando-se de mensagens que chegam mais facilmente aos seguidores da página. Ao invés da tradicional resenha crítica, gênero que em geral preserva características estruturais padronizadas (apresentação da obra, descrição/resumo, avaliação crítica e recomendação), reafirmadas pela produção crítica da academia e da imprensa especializada, os autores preferem trabalhar com imagens (capa do

livro e fotografia do funkeiro) e com uma linguagem direta e informal, próxima da oralidade.

Com isso: “A autoridade da língua legítima reside nas condições sociais de produção e de reprodução da distribuição entre as classes do conhecimento e do reconhecimento da língua legítima” (BOURDIEU, 1996, p. 91). Ou seja, pessoas de classes mais desprestigiadas sofrem preconceito quanto à língua falada por eles, uma vez que não é a de prestígio, não é a da elite (BAGNO, 1999, p. 41). Pessoas que falam “pa eles”, “mó”, “pira”, como a linguagem utilizada nos memes, são discriminadas linguisticamente e socialmente.

Assim como a língua, a arte é constituída por diferentes valores e carrega consigo a capacidade de atribuir poder simbólico aos seus consumidores (BOURDIEU, 1989). A aproximação dessas produções e práticas a grupos historicamente marginalizados e estigmatizados trabalha em mão dupla: deselitizando a arte e concedendo poder simbólico a esses grupos.

Podemos pensar que o uso dessa linguagem mais informal nos memes, associada ao teor humorístico, pode contribuir para o questionamento acerca de estruturas e práticas tidas como modelo. Eles podem ajudar a romper com a norma imposta de que o “certo” é apenas a língua legitimada, constantemente vigiada pelos sistemas formais de educação e pelos meios de comunicação, havendo exclusão e preconceito em relação às demais formas (variações linguísticas) utilizadas pelos brasileiros e brasileiras.

Geralmente, o que foge da norma linguística legitimada acaba sendo estigmatizado, principalmente no que diz respeito à linguagem popular. Disso decorre o preconceito linguístico, que é a “crua manifestação da discriminação econômica e da ideologia da exclusão social” (LUCCHESI, 2012, p. 79). Sob esse viés, observa-se que “o problema não está *naquilo* que se fala, mas em *quem* fala o *quê*.”



Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social” (BAGNO, 1999, p. 42).

A elitização das obras literárias, seja divulgação/comercialização, seja nas próprias formas de abordagem do texto literário, contribui para a manutenção de uma barreira existente entre os moradores de periferias e a literatura. Cria-se o pensamento de não pertencimento, e de que as artes – compreendidas como produto para as elites – são inacessíveis ou, ainda, que apreciá-las faz com que o indivíduo da periferia tenha a sua identidade questionada por se “associar” a produtos e práticas que caracterizam outros grupos.

Entretanto, como vimos, as redes sociais possuem uma organização própria. Os memes possuem a característica de não seguirem a norma padrão, de fazerem uso de uma linguagem mais informal – até porque esse atributo contribui para que eles sejam divertidos –, e não da norma padrão, até porque a língua usada no dia a dia não é a da gramática. Em decorrência disso, essa característica une/aproxima as pessoas dentro das redes sociais, podendo, inclusive, fazer com que o uso desses memes desperte interesse pela leitura dos livros indicados nos memes.

Não se trata apenas de memes, os quais na maioria das vezes são feitos para divertir e até ridicularizar, mas da expressão da cultura de um grupo social coeso. Para esse grupo, o meme que unifica a comunidade do funk e os leitores de narrativa ficcional também tem uma dimensão política, que procura deselitizar a literatura, tornando-a mais íntima dos seguidores da página. Os memes, nesse contexto, mostram que os leitores da periferia também consomem essa arte, rompendo os preconceitos socialmente e culturalmente impostos.

4. Considerações finais

Ao longo deste artigo buscamos mostrar a evolução da literatura sob o viés de consumo, isto é, desde a sua elitização, até a sua relação com as tecnologias, de modo a demonstrar a relação entre literatura e redes sociais. Portanto, a pesquisa analisou, mais especificamente, como a literatura tem sido divulgada no Instagram do grupo @funkeiroscult, por meio de memes.

Nos exemplos mostrados, percebemos que os autores dos memes procuram indicar as obras por meio de recursos pouco usuais, abdicando da necessidade de demonstrar conhecimento teórico ou fundamentação crítica, como geralmente se apresentam as resenhas de narrativas literárias. Para se fazer entender, o grupo utiliza uma linguagem coloquial que se aproxima muito da linguagem verbal, com abreviações herdadas dos novos gêneros textuais que surgem com o advento das redes sociais. Nesses *memes*, há uma preocupação em associar alguma questão central da obra (o drama, a tensão, a metáfora, etc.) a uma situação que pode ser facilmente interpretada pela maioria dos leitores. Assim, o grupo associa a queima de livros de *Fahrenheit 451* ao “sistema”; a suposta traição de Capitu em *Dom Casmurro* a uma letra de música; o inseto de *A metamorfose* ao “menor” (trabalhador); a festa do poema “E agora, José?” ao baile funk da periferia.

Dessa forma, por meio dos memes, os Funkeiros Cults buscam romper o paradigma de que somente as classes sociais mais abastadas são cultas e leem literatura. Pelo contrário, eles buscam reforçar a ideia de que também há leitores nas periferias, e o que muda em relação a outros espaços talvez seja apenas a forma de abordagem do texto literário. Mostram que além do modo como as pessoas se vestem, os produtos culturais que consomem e o lugar de onde vêm, ainda há o preconceito para com a linguagem popular utilizada por eles, decorrente da “legitimação” de uma norma linguística considerada “correta”.



Referências bibliográfica

AMAURI FILHO. Saiba mais da família “X-Metal” da Oakley, berço dos modelos Romeo, Mars e Juliet. *Kondzilla*, 2019. Disponível em: <https://kondzilla.com/m/saiba-mais-da-familia-x-metal-da-oakley-berco-dos-modelo-s-romeo-mars-e-juliet>. Acesso em: 23 jul. 2020.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196.

BOLTER, Jay David. *The digital plenitude: the decline of elite culture and the rise of new media*. London: MIT Press, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

CAVALCANTE, Mônica M.; OLIVEIRA, Rafael L de. O recurso aos memes em diferentes padrões de gêneros à luz da Linguística Textual. In: *Desenredo*, 15(1): 8-23, jan./abr. 2019.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Cultura e democracia. In: *Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales*, 1: 53-76, 2008. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

FERREIRA, Gabriela. A página Funkeiros Cults mostra que tem funkeiro que curte literatura. *Kondzilla*, Brasil. 2020. Disponível em:

<https://kondzilla.com/m/a-pagina-funkeiros-cults-mostra-que-tem-funkeiro-que-curte-literatura>. Acesso em: 3 ago. 2021.

FUNKEIROS CULTS OFICIAL (Brasil). 2020. *Instagram: @funkeiroscults*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCs-6NDH-sv/>. Acesso em: 3 jul. 2021.

LUCCHESI, Dante. Norma Linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 57-83.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

OLIVEIRA, Bárbara Caroline de; SANTOS, Marcelo Souza; SOUZA DIAS, Romar. Língua-cultura: teorias e implicações para o ensino de línguas. In: *Revista Metáfora Educacional*, Feira de Santana (Bahia), 15: 96-109, 2013

SOUSA, Fábio D'abadia; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Literatura e fotografia: anseio pela apreensão do instante. In: *Signótica*, 20: 150-174, 2008.

SHIFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technolog, 2014.

WIGGINS, Bradley. *The Discursive Power of Memes in Digital Culture: ideology, semiotics, and intertextuality*. Nova York: Routledge, 2019

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-67.

Recebido em 16/02/2023

Aceito em 31/10/2023